

Serhij
Zhadan

IN
TER
NA
TO



«O bardo da Ucrânia de leste,
onde tudo se está a desintegrar.»

The New York Times

ELSINORE

- Vai buscá-lo! — grita o velho.
— O filho é dela — responde Pasha —, ela que o vá buscar!
— É teu sobrinho — lembra o velho.
— E então?
— E é meu neto.

Tudo isto se passa enquanto a televisão está ligada. Nem à noite ele desliga a televisão. Parece uma chama eterna, que arde, não para consolar os vivos, mas para homenagear os mortos. O velho assiste ao boletim meteorológico, como se estivesse à espera de ser chamado pelo nome. Depois de o programa terminar, fica sentado por algum tempo, como se não acreditasse no que tinha acabado de ouvir. Pasha não vê televisão. Sobretudo no último ano, desde que as notícias se tornaram tão assustadoras. Senta-se no quarto, atrás da mesa atulhada de livros, não aguenta mais, levanta-se do canapé e sai para a rua. O velho vira-se, alertado pelo barulho do canapé, cujas molas dispararam como galhos secos numa fogueira de escoteiros.

Os móveis da casa são velhos, mas cheios de vida. Provavelmente vão sobreviver aos atuais moradores. A irmã propôs que, pelo menos, arrastassem as cadeiras para outro lado. Pasha recusou com um aceno. Arrastar o quê? É como fazer flexões aos 70 anos. É possível, claro, mas mais vale tomar analgésicos primeiro. Ultimamente, a irmã não tem aparecido, então já ninguém fala em arrastar o que quer que seja.

Pasha adorava esta casa, viveu aqui toda a vida e planeou continuar a viver aqui. Foi construída por prisioneiros alemães, logo depois da guerra. Um edifício espaçoso o suficiente para duas famílias, na segunda rua depois da estação ferroviária, uma zona privada e densamente povoada, habitada principalmente por trabalhadores da estação. Toda a aldeia foi construída em torno da estação, a qual fornecia emprego e também dava esperança, como um coração, enegrecido pelo fumo das locomotivas, que bombeasse o sangue das ravinas e dos quebra-ventos florestais circundantes. Mesmo agora, com o armazém vazio como uma piscina vazada, e com as oficinas habitadas apenas por andorinhas e vagabundos, a vida na ferrovia ainda se mantinha. Só que agora não havia trabalho. Por alguma razão, é nas povoações de trabalhadores que o trabalho desaparece em primeiro lugar. As oficinas fecharam e todos dispersaram para tratar dos seus afazeres, enfiando-se em blocos de apartamentos apertados com poços ressecados do verão escaldante e caves cujas reservas tinham acabado ainda antes do Natal.

Contudo, seria pecado se Pasha reclamasse: parecendo que não, era funcionário público. «Sim, sim», pensava Pasha, enquanto saía de casa, fechando atrás de si a porta forrada com cobertores hospitalares, «tenho algum rendimento, sou funcionário público». A neve no quintal é de um tom azul rosado,

com poros negros e profundos, refletindo o sol poente e o céu noturno. Afiada ao toque, a neve já tem um leve aroma a águas de março e vai cobrindo o viscoso solo negro. E, portanto, não são necessárias quaisquer previsões meteorológicas: o inverno ainda está para durar. Todos terão tempo para se habituarem, para se cansarem e para se adaptarem. E quando se adaptarem, então começará algo diferente. Entretanto, o mundo faz lembrar um pedaço de neve nas mãos quentes de alguém; derrete e escorre, transformada em água, mas enquanto isso as palmas das mãos vão ficando cada vez mais frias, a circulação quente é cada vez menor, vão gelando — enregelando. E apesar de ir derretendo, a água continua letal. O Sol afunda num complexo sistema de espelhos de água e reflexos, mas ninguém tem tempo para se aquecer: imediatamente depois de almoço, ao som das sirenes húmidas penduradas ao longo da estação anunciando a mudança de turno, cai o crepúsculo, e então a sensação de degelo, a sensação enganosa de calor, desaparece instantaneamente.

Pasha anda ao redor do edifício, segue pelo trilho encharcado entre as árvores. Sempre o haviam dividido com um trabalhador ferroviário. Metade do edifício pertencia-lhe, e a outra metade pertencia à família unida de Pasha: o pai, a mãe, o próprio Pasha e a irmã. Mas há 15 anos, quando ainda moravam todos juntos, o trabalhador ferroviário pegou fogo à sua metade. Conseguiram apagar o fogo. Mas o trabalhador ferroviário não quis reconstruir a casa — dirigiu-se até à estação, apanhou um comboio para leste e desapareceu da vida deles para sempre. Deitaram abaixo a parte queimada do edifício, pintaram a parede de branco e prosseguiram com as suas vidas. Do lado de fora, a casa parecia metade de um pão na prateleira de uma loja.

O velho comprava sempre só metade, para não pagar muito. E para que não houvesse desperdício. Assim o ensinou a vida na estação.

Árvores negras contrastam com a neve, os galhos afiados parecem perfurar o céu vermelho. Atrás da cerca começa a rua. Nas casas brancas da vizinhança, aqui e ali, reluzem luzes amarelas, como laranjas alimentadas a eletricidade. Avistam-se jardins e cercas, e as chaminés libertam fumo para a atmosfera, como se homens fatigados estivessem de pé sob a geada a conversar, deixando escapar pelos pulmões o ar quente de janeiro. As ruas estão vazias, não se vê viva alma, apenas na estação, de vez em quando, os vagões são engatados: metal sobre metal, como se alguém estivesse a arrumar móveis de ferro. E também, vindas do sul, do lado da cidade, o dia todo, desde manhã cedo, ouvem-se explosões fortes e pontuais, ora mais intensas, ora mais dispersas. O eco dispersa com o vento, a acústica é distorcida no inverno, é difícil entender exatamente de onde vem e o que atingem. Ar fresco, cheiro a árvores húmidas, silêncio tenso. Uma quietude assim só acontece quando todos ficam em silêncio, parados, a ouvir. Pasha conta até cem e volta para casa. Dez. Na noite passada, a esta hora, foram seis. Interessante. O que é que irão dizer nas notícias?

Encontra o velho na cozinha, inclinado sobre a mesa para pegar no seu velho saco desportivo.

— Vais para longe? — pergunta Pasha.

Apesar da pergunta, é óbvio que se prepara para ir buscar o rapaz. Aparatosamente, mete no saco um jornal (como é que se pode reler jornais antigos? É como ler palavras cruzadas já resolvidas), uns óculos (Pasha discutia sempre com ele por causa daqueles óculos de vidro grosso, que distorciam tudo

— «é melhor lewares óculos de sol», aconselha ele ao velho, «de uma maneira ou de outra, não enxergas nada»), o cartão de pensionista (com sorte, dava para viajar de graça), o telemóvel, polido como uma pedra do mar, e um lenço lavado. O próprio velho lava e passa os seus lenços, não transfere essa tarefa para a filha, não quer. Uma vez por mês, põe-se junto à tábua de passar a ferro e, diligentemente, passa os seus lenços encardidos pelo tempo, como se estivesse a secar notas desvalorizadas saídas da máquina de lavar. Pasha traz-lhe constantemente lenços de papel, mas o velho continua a usar os seus lenços de pano, um hábito antigo que adquiriu nos dias em que trabalhava como administrativo na estação, numa altura em que os guardanapos de papel simplesmente não existiam no mundo. De papel ou do que quer que fosse. O velho praticamente não sabe usar o telemóvel, mas arrasta-o permanentemente consigo — um esqueleto quebrado com o botão verde desgastado. É Pasha quem lhe recarrega o saldo, pois não aprendeu a fazê-lo sozinho. E eis que agora está a arrumar tudo meticulosamente, remexendo no saco, ressentindo-se em silêncio. Torna-se cada vez mais difícil lidar com ele, é impossível falar sobre o que quer que seja, pois amua como uma criança. Pasha vai até ao fogão, bebe diretamente da chaleira. Os poços secaram no verão, e é assustador beber da torneira: sabe-se lá o que anda por aí agora a flutuar nos canos. Portanto, fervem a água e evitam os reservatórios. O velho continua sem responder, remexe nos bolsos.

— Está bem! — diz Pasha. — Eu vou buscá-lo!

Mas o velho não desiste assim tão simplesmente. Pega num jornal, desdobra, vira, revira, dobra-o quatro vezes e coloca-o de volta no saco. Os dedos amarelos e secos desmancham nervosamente o papel de jornal, ele nem olha para Pasha, debruça-se

na mesa, quer provar alguma coisa, está em guerra com o mundo inteiro.

– Ouviste? – diz Pasha. – Eu vou, eu trago-o.

– Não é preciso – responde o velho.

– Já disse que vou buscá-lo – repete Pasha, um pouco nervoso.

O velho pega desafiadoramente no jornal e sai. Abre abruptamente a porta da sala de estar, um feixe de luz suave do televisor alcança o corredor escuro. De seguida, a porta fecha-se de rompante atrás dele, como se o trancasse dentro de um frigorífico vazio.

PRIMEIRO DIA

Uma manhã de janeiro, longa e imóvel, como uma fila para o médico. O frio matinal na cozinha, uma penumbra de ardósia do lado de fora da janela. Pasha aproxima-se do fogão e imediatamente inala o cheiro adocicado do gás. Para Pasha, este cheiro está sempre associado ao alegre despertar matinal. Todas as manhãs, ao preparar-se para ir trabalhar, metia os cadernos e livros escolares na pasta, ia para a cozinha, respirava o gás adocicado, bebia chá forte e comia pão de centeio preto, convencencia-se de que a vida era um sucesso e, em se convencendo disso, corria para o trabalho. Aquele cheiro acompanhara-o toda a vida, e chegava mesmo a não ter apetite quando não acordava em casa, sentindo a falta do caseiro fogão matinal, com cheiro a bicos queimados. Pasha olha pela janela, olha para a neve negra e para o céu negro, senta-se à mesa, abana a cabeça, tentando voltar a si. Seis da manhã, janeiro, segunda-feira, mais um dia sem trabalho.

Então, pega num caderno do parapeito, folheia-o e coloca-o imediatamente de volta no seu lugar, levanta-se, caminha pelo

corredor, olha para o quarto. O velho está a dormir numa cadeira. Do ecrã, alguém coberto de sangue tenta gritar para o velho, mas em vão: o velho desligou o som na noite anterior, portanto, está inacessível, de nada vale a pena gritar. Pasha fica hirto por um momento, a olhar para o sangue. A pessoa do ecrã olha para Pasha e começa agora a gritar para ele: «Não desligue, escute, é importante, isto também o afeta.» Mas Pasha rapidamente encontra o comando da televisão, aperta o grande botão vermelho, como se fosse um tubo de pasta de dentes, atira o comando sobre a mesa e sai para a rua cuidadosamente, para não acordar o velho, fechando a porta à saída. Mas a porta range assustadoramente naquele escuro amanhecer, e o velho no quarto acorda imediatamente, encontra o comando e liga silenciosamente a TV, que mostra que algo terrível está a acontecer, algo preocupante para todos. Entretanto, Pasha já vai a correr para a estação.

«Algo está errado», pensa ele. «Há aqui algo errado.» Não se vê a alma, não se ouve nenhuma voz. Nem sequer se ouvem as locomotivas. Não há qualquer comércio aberto. A neve azul-escura flui com a água, as temperaturas estão quase positivas, mas o céu está nublado, a humidade paira no ar, transformando-se, por vezes, numa chuva quase impercetível. Mais adiante, nos trilhos, há uma neblina, e nessa neblina também não se ouvem vozes ou passos. «Ainda é cedo», pensa Pasha, tenso. «Ainda é cedo.» Para sul, onde começa a cidade, reina também um silêncio suspeito, sem explosões, sem ar rasgado. Um autocarro sai da esquina. Pasha solta um suspiro de alívio: «Os transportes estão a funcionar, está tudo bem. É apenas muito cedo.»

Então cumprimenta o motorista, que timidamente enfia a cabeça na gola do casaco de couro. Caminha pelo autocarro

vazio e senta-se à janela da esquerda, mas não aguenta ficar ali e vai para o lado direito. O motorista observa tudo aquilo cautelosamente através do espelho retrovisor, como se tivesse medo de perder alguma coisa importante. Quando Pasha repara na atenção do motorista e olha para ele, este vira-se, liga o motor e põe as mudanças. O ferro estala em desagrado, o autocarro parte, o motorista faz um círculo respeitoso no nevoeiro vazio, e a estação fica para trás. «Os mortos são transportados nestes autocarros», pensa Pasha por algum motivo. «Estes autocarros especiais com uma fita preta na lateral. Será que há assentos para os passageiros? Será que uma viúva tem de se sentar em cima do caixão? E para onde irei neste carro funerário?»

O autocarro passa por uma rua vazia, depois pela próxima. Em seguida devia haver um mercado de rua, onde as mulheres aposentadas costumam vender algo congelado todos os dias. O autocarro dá a volta, mas não há mulheres aposentadas, nem transeuntes. Pasha já entende que realmente alguma coisa não está bem, alguma coisa aconteceu, mas ele finge que não. Na verdade, para não entrar em pânico. O motorista vai desviando o olhar cuidadosamente, conduzindo o carro funerário através do nevoeiro e da água. «Devia ter visto as notícias, ou assim», pensa Pasha, que começa a ficar nervoso. E o pior era o silêncio, depois de todos estes dias em que o céu sobre a cidade, ao sul, parecia uma armadura queimada. Tudo estava silencioso e vazio, como se todos tivessem entrado no comboio noturno e se tivessem ido embora. Restam apenas Pasha e o motorista, mas também eles, passando por dois prédios altos construídos na areia e pela oficina, saem da povoação. Uma longa alameda de choupos leva à estrada, os choupos espreitam do nevoeiro como crianças por detrás dos ombros dos pais. Algures lá em

cima, o Sol já está a mover-se, algures, se calhar até já apareceu e, embora não seja visível, sente-se na mesma. Mas é só isso que se sente, não se sente mais nada. Pasha examina cuidadosamente toda aquela humidade ao redor, tentando entender o que é que se lhe havia escapado, ou o que é que aquele tipo ensanguentado da televisão lhe queria explicar. O motorista contorna cuidadosamente as poças frias, chega ao troço de estrada, vira à direita. O autocarro chega à paragem, geralmente pára, há sempre alguém para entrar, mas parece que hoje não. O motorista, um pouco por hábito, demora-se a fechar a porta, depois olha para Pasha, como se lhe pedisse permissão. A porta fecha-se, o autocarro segue em frente, ganha velocidade e vai diretamente para o posto de controlo.

— Filho da mãe. — É tudo o que diz o condutor.

O posto de controlo está cheio de soldados: atrás de blocos de cimento, sob bandeiras esfarrapadas do Estado, olham silenciosamente na direção da cidade. Quantas vezes havia ele passado por este lugar nos últimos seis meses, desde que as autoridades estatais voltaram para cá depois de um curto período de luta feroz? Quando ia em direção à cidade ou regressava a casa, para a estação. De todas as vezes, era preciso esperar que os documentos fossem verificados, caso contrário, havia problemas. Contudo, deixavam sempre Pasha passar em silêncio, sem perguntas: ele era local, os seus documentos estavam em ordem e o Estado não tinha queixas contra ele. Por isso, Pasha estava acostumado aos olhares indiferentes, aos movimentos calculados e mecânicos das forças de segurança, às unhas pretas, à necessidade de apresentar os documentos e esperar até que o seu país ficasse convencido de que ele era um cidadão cumpridor da lei. Os soldados devolviam-lhe os documentos em silêncio,

Pasha enfiava o passaporte no bolso, tentando não estabelecer contacto visual com ninguém. As bandeiras nacionais, lavadas pelas chuvas, tinham as cores desbotadas, dissolvendo-se no ar cinzento do outono, como neve na água morna.

Pasha olha pela janela e vê um jipe coberto de ferro escuro a passar de rompante por eles. Três homens saltam do jipe com metralhadoras. Sem prestar atenção ao carro funerário de viagem, correm pelo aglomerado de gente, que se vai desviando à sua frente. Os militares gritam uns com os outros de pé, arrancam os binóculos uns aos outros, examinam o caminho à sua frente, esforçando os olhos vermelhos do fumo e do sono, emoldurados por rugas profundas. Mas o caminho está vazio, tão vazio que é assustador. Normalmente havia sempre algum movimento. Embora a cidade esteja quase completamente cercada há muito tempo, e o anel em torno dela esteja constantemente a encolher, ainda assim havia sempre alguém a atravessar aquela única estrada, rumo à cidade ou de regresso. Principalmente os militares, que levavam munições para a cidade, ou voluntários, que também transportavam constantemente daqui, do norte, do território pacífico, tralha diversa, como agasalhos ou remédios antigripais para a cidade sitiada. Quem precisa de remédios antigripais numa cidade que está debaixo de fogo de artilharia pesada e prestes a render-se? Mas isso não impedia ninguém de passar: colunas inteiras de pessoas continuavam a romper do continente para a área cercada, às vezes, como era de prever, completamente debaixo de fogo. Era óbvio que a cidade se renderia, que as tropas do Estado seriam obrigadas a retirar-se, levando consigo as bandeiras do país de Pasha, e que a linha da frente se deslocaria de uma forma ou de outra para o norte, até à estação e, portanto, a morte estaria uma dezena

de quilómetros mais perto. Mas quem é que se importava com isso? Os próprios civis, enchendo-se de coragem, também se esgueiravam para a cidade pelo alcatrão destruído. Os militares tentavam dissuadi-los, mas ninguém confiava particularmente nos militares aqui, todos se consideravam mais inteligentes do que isso. E eis que corriam sob os morteiros para receber algum tipo de certificado do fundo de pensão. De facto, entre a morte e a burocracia, às vezes é melhor escolher a morte. Os soldados irritavam-se, às vezes bloqueavam o posto de controlo, mas assim que o bombardeamento cessava, uma nova fila se formava novamente à frente do posto de controlo, e então não tinham outro remédio senão deixá-los passar.

Mas agora a estrada está completamente vazia. Parece que algo terrível está realmente a passar-se ali, na cidade, algo que pode deter até condutores de autocarro e especuladores. E há um aglomerado de homens com a barba por fazer, enfurecidos por não terem dormido e por não terem saída, no meio dos blocos de cimento e do arame farpado, e todos gritam uns com os outros, descarregando a sua raiva uns nos outros. E do aglomerado emerge um militar alto e magro, que segue em direção ao autocarro, sob um capacete enorme estão uns olhos desviados e muito escancarados, escancarados, provavelmente, de medo — levanta a mão para a frente e diz para ficarem quietos, para ninguém se mexer. Apesar de ninguém se mexer de qualquer maneira: estão de pé, congelados, prendendo a respiração. De repente, há tanto espaço no autocarro e o ar fica tão escasso que, inspirando ou não, não se respira. O soldado aproxima-se da porta e bate na superfície de metal com a palma da mão. O autocarro ecoa como um submarino que se tivesse afundado, o motorista abre a porta com força.

— Onde é que vão, porra? — grita o soldado, curvado, subindo para a cabina do autocarro. É forçado a baixar-se, o capacete desce até aos olhos, e Pasha parece reconhecê-lo, «mas de onde, de onde?», pensa Pasha. Mas o soldado fulmina-o com o olhar, aproxima-se, ajusta o capacete, esfrega os olhos com a mão e grita na cara de Pasha:

— Documentos, porra! Documentos!

Pasha remexe nos bolsos e, de repente, há tantos bolsos que ele se perde neles e não consegue encontrar nada, tira vários tipos de lixo, ora toalhetes húmidos, com os quais limpa os sapatos de manhã na escola, ora tópicos das aulas, ou então uma notificação dos correios para levantar uma encomenda. «Pois é», pensa Pasha, olhando horrorizado para o rosto do soldado. «Era preciso ir levantar a encomenda, a encomenda, a encomenda», pensa. «Esqueci-me completamente.» E a sua pele de repente fica molhada e fria, como se ele próprio tivesse sido enxugado com toalhetes húmidos.

— Então? — grita o soldado, impaciente.

E o pior é que Pasha nem consegue entender em que língua é que ele fala. As palavras saíam-lhe tão irregulares e quebradas que não tinham entoação nem sotaque, apenas gritava alguma coisa, como se estivesse a tossir, a escarrar. «Provavelmente falou na língua oficial», pensa Pasha, a entrar em pânico, «na língua oficial». Há um mês havia estado aqui uma unidade al-gures de Zhytomyr, esses militares riram-se da maneira como ele saltitava de uma língua para a outra. «Será que são os mesmos ou não?», hesita Pasha febrilmente, olhando nos olhos furiosos do soldado, nos quais se refletia todo o seu medo.

— Esqueci-me deles — responde Pasha.

— O quê? — reage incrédulo, o soldado.

O motorista põe-se de pé, sem saber se deve fugir dali ou ficar parado. Pasha também não sabe o que fazer e pensa: «Mas como é possível, como é possível?»

Da rua soam gritos tão agudos e contínuos que o soldado se encolhe, vira-se e corre para a rua, empurrando o motorista, que cai no seu assento, mas rapidamente se levanta e corre atrás do soldado. Pasha corre também, e todos se dirigem para o aglomerado, que de repente se cala e dispersa. E então, do sul, no horizonte, vindos da cidade cortada pelo cerco, como se saíssem de um buraco de ar invisível, começam a aparecer homens. Um a um, dois a dois, grupos inteiros, emergem com dificuldade da linha do horizonte e dirigem-se para este lado, em direção ao aglomerado, que fica em silêncio e espera. Ainda são pouco visíveis, no horizonte, mas vão aumentando gradualmente, crescendo como as sombras da tarde. Mais ninguém olha pelos binóculos, mais ninguém grita, como se todos tivessem medo de assustar esta procissão, que aos poucos ia enchendo a estrada, estendendo-se já por centenas de metros. Os homens caminham compassadamente, de tal modo que parecem não ter pressa, embora logo fique claro que simplesmente não conseguem ir mais depressa: estão demasiado exaustos, e mesmo estas últimas centenas de metros se afiguram difíceis para eles. Mas é preciso continuar a andar, então continuam, sem parar, aproximando-se com teimosia, movendo-se em direção à sua bandeira, sobem o vale até ao posto de controlo, como se fossem passageiros expulsos do autocarro por viajarem sem título de transporte válido. O tempo parecia acelerar, e tudo acontecia tão depressa que ninguém teve tempo para se assustar ou se divertir com a situação. Os primeiros já se começam a aproximar dos blocos de cimento manchados de tinta, e ali, no horizonte,

outros aparecem, e também eles, percorrendo o vale, rumam em direção ao norte, rumam em direção aos seus. E quanto mais se aproximam e mais nítidos ficam os seus rostos, tudo se torna ainda mais silencioso, porque agora, ao olhar para os olhos de quem se aproxima, pode ver-se que tais olhos não transparecem nada de bom: apenas tortura e geada. E a sua respiração é tão fria que nem o ar saía das suas bocas. Os rostos negros da sujidade contrastam com o branco cintilante dos olhos. Capacetes, gorros pretos rasgados e lenços cheios de pó de tijolo enrolados ao pescoço. Armas, cintos de fivela, bolsos vazios, mochilas aos ombros, mãos pretas de óleo, botas sujas de tijolos partidos e terra preta molhada. Os primeiros, já a aproximar-se, olham para os rostos dos que cá estavam com reprovação e desconfiança, como se todos aqueles que aqui estivessem à espera deles fossem culpados de alguma coisa, como se tudo devesse ser ao contrário: eles, aqueles que vieram, deveriam estar aqui, sob o céu baixo de janeiro, a olhar para o sul, para lá do horizonte, onde não há nada além de imundice e morte. E assim, o primeiro a aproximar-se do posto de repente levanta o punho e começa a gritar, como se repreendesse os deuses por mau comportamento. Começa com insultos e ameaças, enfurecido, e as lágrimas escorrem-lhe pelo rosto, deixando-o mais limpo. A multidão abre espaço, e os recém-chegados misturam-se com os que já ali estavam, como se a água suja do rio se misturasse com a água límpida do mar. O aglomerado já não cabe entre os blocos frios de betão, e quem chegou primeiro continua no meio da multidão, murmurando algo sobre injustiça e vingança, sobre o facto de terem desistido da cidade, de a terem deixado, juntamente com todos os que ali vivem, entregue às mãos de estranhos, não a seguraram, recuaram, fugiram da armadilha.

— Isso foi bom para quem saiu, mas e aqueles que lá ficaram, nas ruas sob os tiroteios? O que será feito deles? Quem os levará dali? Sim, porque nós... — grita ele, sem baixar os punhos — ... nós abandonámo-los, fugimos, saímos da cidade! Como é possível? Quem será responsável por isso? Olezha... — continua a gritar — ... Olezha, o meu parceiro, nem tive tempo de o enterrar, não tive tempo de o arrastar para a neve, ele ficou ali, a arder, no posto de gasolina. Deixei-o à mercê de quem? Quem é que o vai tirar dali? Quem? — grita ele, ameaçando com o punho erguido as nuvens chuvosas. Até que alguém que vem depois, passando por ele, dá-lhe uma palmada ao de leve na cabeça e diz:

— Fecha a matraca, sem ti já é difícil que chegue.

E logo todos começam a falar: um deles pergunta, outro responde, outro é puxado algures para se aquecer, outro é enrolado numa velha manta queimada. E então, de repente, mais um grupo chega ao posto, carregando macas nos ombros, e nessas macas está alguém tão rasgado e ensanguentado que Pasha apenas desvia o olhar, enquanto um oficial começa a gritar para que se chame uma ambulância, mas que tipo de ambulância iam encontrar ali? Os mais fortes levam as macas, arrastando-as até ao autocarro.

— Vamos! — gritam para o motorista — Vamos lá, vai levá-los até à estação.

Pasha acha que a melhor opção é voltar para casa agora, e também dá um passo em direção ao autocarro, mas um militar que já está parado na porta, sem sequer olhar para trás, empurra Pasha para longe, e este fica apenas a ver as macas a serem cuidadosamente transportadas para dentro do autocarro. Pasha repara num cabelo viscoso e na brancura açucarada

dos ossos, como se tivessem aberto um melão, revelando o seu interior doce, repara numa mão convulsiva agarrada à maca, segurando-a com tanta força quanto segura a própria vida.

O autocarro tenta dar meia-volta, mas a multidão anda no meio da rua de um lado para o outro, ora gritam e se metem no meio do caminho, ora se metem no meio do caminho e gritam, sobretudo gritam para ninguém se meter no meio do caminho. Finalmente, alguém assume o comando e dá uma ordem, a multidão desvia-se, arrastando-se para o lado, o autocarro vira e desaparece na esquina. Pasha é empurrado para a berma e tenta de alguma forma sair de lá, atrás dele, alguém o chama:

– Tu, dá-me um cigarro. – É um soldado sem capacete, com cabelos grisalhos e sujos.

– Não tenho – responde-lhe Pasha.

– Então o que é que tens? – continua o soldado, não o deixando seguir. Pasha mete a mão no bolso automaticamente e tira o passaporte.

Pasha fica na beira da estrada, esmagada por rastos e rodas de camiã, enquanto tenta lembrar-se de onde já vira aqueles dedos antes. Dedos convulsivos, sem vida, agarrando-se à vida. E imediatamente se lembra: foi há uma semana, no último dia de aulas. Apenas uma semana atrás, tudo era como agora: um vento fresco, um pálido sol de janeiro. Alguém o chama do corredor da escola, ele sai, e os professores levam as crianças de volta para as salas de aula, as quais correm imediatamente para as janelas, para ver o que se estava a passar. Pasha olha para os seus alunos, grita para estarem quietos, mas ninguém o ouve, a diretora passa a correr por Pasha, balançando com dificuldade o seu corpo doente. Pasha corre atrás dela, saem para o alpendre da escola e param. Um jipe com militares está perto

da escola, no lugar da matrícula, há uma divisa de guerra, branco no preto, Pasha não é especialista em divisas militares, pelo que não consegue perceber exatamente quem são eles. Talvez um batalhão de voluntários, talvez a Guarda Nacional. A bandeira sobre o jipe é a mesma da escola. Ou seja, o governo não mudou.

Os soldados correm preocupados, alguém tinha acabado de telefonar, o superior aproxima-se da diretora, segura-a com firmeza pelo cotovelo, puxa-a para o lado e diz-lhe algo com frieza. Pasha apanha só fragmentos de frases, o militar não estava propriamente a pedir autorização, mas sim a estabelecer condições.

— Não — diz o militar —, não pode ser noutra lugar, tem de ser aqui mesmo, viemos ter precisamente consigo, nós protegemos-vos, pode ligar para onde quiser, inclusive para Kyiv. — A diretora acomoda-se no seu saia-casaco formal preto, o seu rosto torna-se pálido acinzentado, o que imediatamente a faz parecer mais velha. Quer objetar, mas não se atreve. Olha para Pasha, como se estivesse a pedir apoio, mas o soldado, passando por Pasha, dá-lhe uma palmada no ombro, e esse movimento faz o pó do giz cair-lhe do *blazer* de professor.

Depois, pára junto à escola uma velha «lata» castanha, cor de sabão económico espapaçado, e dela começam a retirar feridos. Carregam-nos nos ombros como sacos das compras, parece não haver maca, sobem as escadas com dificuldade e caminham até um corredor vazio e oco. Viram à direita, abrem a porta da primeira sala com as botas cobertas de lama. Ou seja, a sala de língua ucraniana. Ou seja, a sala de Pasha. A sala onde Pasha dá aulas às crianças. Simplesmente põem os feridos no chão, entre as mesas. Pasha entra logo a seguir e manda

as crianças sair, elas pisam o sangue fresco, cheias de medo, e atropelam-se pelo corredor. Pasha também sai e grita à turma para se ir embora dali:

— Vão para casa — grita. — Vamos lá, para casa, nada de ficar aqui — grita em russo, como sempre faz no corredor, fora da sala de aula. Depois, abre a porta timidamente. A sala de aula cheira a imundice e a sangue, a neve e a terra. Os militares trazem cobertores e algumas coisas quentes para a sala de aula, afastam as carteiras e estendem os feridos em diferentes cantos.

Outro militar entra na sala de aula, carregando uma metralhadora nos ombros, sem tirar o cigarro da boca. Cabelos negros, olhos escuros e um tanto desconfiados, tinha poeira acumulada nas rugas do rosto, Pasha só havia visto homens assim nos mineiros, quando vinham à superfície. O militar examina secamente os feridos, nota a presença de Pasha e acena com a cabeça, cumprimentando-o. Fala com sotaque caucasiano. Confunde as palavras, mas tenta falar de maneira amigável, como se só assim Pasha pudesse acreditar nele. Imediatamente traduziu algumas palavras do russo para o ucraniano, esforçando-se, como se estivesse num exame.

— Está tudo bem, professor — diz ele —, não tenha medo, não vamos entregar a sua escola, vamos protegê-la. Vai poder continuar a ensinar as crianças.

— E quem são estes? — O metralhador aponta em direção aos retratos.

— Poetas — responde Pasha, inseguro.

— Ah sim? E são bons? — duvida o metralhador.

— Estão mortos — responde Pasha, por precaução.

— Isso mesmo — ri o metralhador —, um bom poeta é um poeta morto.

Abrindo a janela com cuidado, coloca a metralhadora no peitoril da janela. Talvez quisesse arejar. Pasha recolhe os cadernos da mesa, mete-os dentro da mochila e, ao sair, detém-se a olhar para o ferido que tinha sido colocado debaixo do radiador recém-pintado, com dois cobertores felpudos manchados de sangue seco e, em cima, um velho saco-cama apertado. O seu rosto estava virado para a parede, apenas se conseguia ver o cabelo, que há muito não era lavado, e o pescoço comprido, que há muito não era aparado. Junto dele, jazia a manga cortada de uma jaqueta militar. Entre as ligaduras podia ver-se a pele suja, cortada com pequenos arranhões, e a palma esquerda nua, nocauteada debaixo do saco-cama. Era como se, de manhã, um passageiro de um vagão público esticasse o braço debaixo do cobertor que cobre o seu corpo sonolento e imóvel. Ao mesmo tempo, aquele manto recria as protuberâncias dos joelhos e a cavidade do abdómen, tal como o sudário recria o corpo de Cristo, e a nudez do corpo masculino desgastado sobressai nitidamente entre as velharias e as roupas quentes largadas nas cadeiras da sala de aula.

Ali, naquele momento, Pasha pensa o quanto aquela mão magra e pálida coberta de cabelos ralos parece tão deslocada contra o chão da escola, pintado de fresco no verão, contra as carteiras e o quadro negro, aquela mão que segura o saco-cama, que o agarra, com medo de o largar, como se o saco-cama fosse a última coisa que ligasse aquele homem à vida. Por um momento, Pasha não consegue tirar os olhos daqueles longos dedos negros, cortados e contusos, com um tom de azul-petróleo. Então, um vento fresco de inverno sopra vindo de fora, sacode a janela. O metralhador consegue segurá-la. Pasha lembra-se de onde está e lança-se para o corredor da escola, esbarrando precisamente nos braços da diretora.

— Pavlo Ivanovich, Pavlo Ivanovich — chora ela, agarrando a mão dele. — Como é isto possível? Diga-lhes para se irem embora.

«Até o choro dela é falso», ocorre de repente a Pasha. «Ela não sabe chorar», pensa Pasha. «Simplesmente não sabe chorar. E também não sabe rir.»

— Diga-lhes — repete ela a Pasha, tratando-o por «você», como se se dirigisse a um condutor de troleibus —, diga-lhes para se irem embora.

— Sim, sim — tranquiliza-a Pasha —, vou dizer, com certeza, vou dizer agora.

Ele leva-a para o gabinete da direção e ajuda-a a sentar-se, sai, fecha a porta, mas fica parado junto à porta durante algum tempo, ouve como a diretora se acalma num instante, como limpa o ranho, como pega no telefone e liga para qualquer lado, gritando para o auscultador.

Pasha apenas sussurra «não me meto nisto» e vai para casa. Os soldados estão na varanda, a fumar. Ao entrar na escola, eles limpam cuidadosamente as botas num trapo limpo. O sangue sai com dificuldade. Mas acaba por sair.

No vento húmido, sentem-se cheiros fortes. O vento do sul expele um cheiro a queimado, como alguém que esteve sentado junto a uma fogueira durante muito tempo. O ar é igualmente preenchido com o cheiro pesado a roupa molhada. São cada vez mais, uns continuam em direção à estação, outros são levados de jipe, e outros ainda são ajudados a entrar para as traseiras de um camião. Os lugares não são suficientes. Um dos soldados, com um colete à prova de bala, passa junto de Pasha, este encolhe-se, dá um passo para trás, para o lado da estrada,

e depois outro. As botas altas esmagam a neve misturada com terra amarela, pé ante pé, passo ante passo.

— Eu cá não entraria ali — alguém diz a Pasha.

Pasha vira-se para a voz: um homem está parado ao lado dele, com um casaco de pele de lobo escura, botas de montanha, uma mochila de computador, barba cuidadosamente arranjada. O olhar dele é irónico, indulgente até. Comporta-se com confiança, embora, se olhássemos de perto, pudéssemos notar um queixo pequeno demais para o rosto e rugas caprichosas ao redor da boca, parecia que deixava a barba por fazer para parecer mais cruel do que realmente era. Devia estar na casa dos 50 anos. Olha Pasha de alto a baixo, como se este fosse de uma patente inferior. Como aqueles passageiros que entram no início da viagem e olham com desdém para os que vão entrando depois, e embora todos tenham bilhete, o tempo a mais passado no compartimento confere-lhes uma superioridade inexplicável. Chama-se Piter, é assim que ele diz, «Piter», num russo bastante aceitável, sem esconder o sotaque.

— É melhor não ir para lá — diz ele, e aponta para a berma da estrada. — Ainda fica sem uma perna. Aliás, vamos sair daqui. Eles vão começar a disparar em fúria uns contra os outros.

Ele vira-se e começa a abrir caminho pela multidão. Pasha olha em redor, olha para a papa espessa de neve no chão e lança-se atrás de Piter.

Conforme se afastam do posto de controlo, a multidão torna-se cada vez menos densa, Piter contorna cautelosamente um grupo de soldados que estão maliciosamente a tentar provar alguma coisa uns aos outros e passa por entre os feridos, estendidos no meio da estrada em cobertores e velhos casacos

civis. Pasha segue-o, passo a passo, tentando não olhar para os soldados nos olhos. Quando era criança, costumava passar pelos cães vadios assim: «O importante é não olhá-los nos olhos, se olharmos, eles sentem imediatamente a presença de um estranho.» Pasha nunca se habituou aos militares durante aqueles poucos meses, evitava-os sempre. Quando o paravam na estação e perguntavam alguma coisa, ele respondia secamente, olhando-os de soslaio. E aqui há tantos, e todos eles têm um cheiro inexplicável, a imundice e a ferro, além de tabaco e pólvora. Pasha passa timidamente pelo próximo grupo, percebe como os soldados o olham desconfiados, acelera o passo e alcança Piter, o qual se aproxima de um velho *Ford* azul cercado por militares. Os soldados haviam estendido um mapa no capô, com caminhos desenhados à mão e elevações marcadas a lápis vermelho. O mapa, esborratado pela chuva, fazia lembrar uma toalha de mesa encharcada de vinho, num restaurante da estação de comboios. Piter aperta-se por entre os soldados, dá uma palmadinha nas costas de um e, sem tirar os olhos do mapa, dá um aperto de mão a outro. De repente, começa a discutir sobre alguma coisa, passando a unha rosada e aparada pelo mapa rasgado e gritando fervorosamente. Mas os militares gritam de volta, movendo também os seus dedos pretos e congelados pelo mapa, discordando de Piter. E eis que, um deles, ao que parece, de patente mais alta, baixo e bastante encorpado, com um ouriço grisalho na cabeça rapada, cospe, enfia um boné preto sobre o grande crânio, mete uma metralhadora ao ombro e ordena a todos que entrem no carro. Um velho soldado, alto, magro e encurvado pega no mapa e senta-se ao volante. O homem grisalho do boné preto senta-se ao lado dele. Os restantes acomodam-se à volta. Piter, de alguma forma, enfia-se

no carro, embora, ao que parece, sem ser convidado, e até tenta fechar a porta. De repente, lembra-se de alguma coisa, inclina-se para a rua e grita para Pasha:

– Então, vem connosco? Quanto tempo é que vai ficar aí à espera? Vamos!

Pasha, amedrontado e surpreendido, corre para o *Ford*. Mas na parte de trás estão sentados quatro soldados, e, como têm todos coletes à prova de bala, parecem especialmente largos e maciços. E Piter, claro, também ele ocupa um lugar. É difícil de entender como cabem todos ali. Pasha, hesitante, volta a pisar a estrada, mas Piter não desiste:

– Vamos, vamos – grita ele, batendo convidativamente na sua coxa magra coberta de ganga preta.

E lá vão eles: na frente segue um motorista corcunda e um comandante que teimosamente tenta decifrar algo nos fragmentos do mapa, atrás estão os soldados com coletes à prova de bala, Piter e, ao seu colo, Pasha. Pasha sente-se desconfortável, nunca se tinha sentado ao colo de outra pessoa, exceto quando era criança. Os soldados também se sentem desconfortáveis com Pasha. Cai um silêncio, ouvindo-se apenas o barulho seco dos coletes à prova de bala a ranger uns nos outros.

O *Ford* desliza lentamente pela estrada, ultrapassando uma fila interminável de soldados que vão do posto de controlo para a estação. Olham para o carro com esperança, mas quando veem a quantidade de passageiros, viram a cabeça com decepção. A viagem não dura muito: ao entrar na povoação, o motorista vira à direita e aperta o acelerador do *Ford*, deixando sulcos profundos como cortes na neve amarela, enquanto desliza até ao estacionamento do motel. Pasha é o primeiro a ser empurrado para fora, seguido do resto dos passageiros.

PRÉMIO HANNAH ARENDT 2022

PRÉMIO EBRD 2022

Pasha, um jovem professor agora desocupado, procura trazer para casa o seu sobrinho de 13 anos que se encontra num internato. Terá para isso de atravessar a cidade. Uma viagem de ida e volta ao Inferno, que durará três dias. A cidade está transformada num palco de guerra e a escola num dos seus epicentros. Ouvem-se explosões e o metralhar de armas de fogo. Soldados, pessoas desorientadas e animais sem dono vagueiam por ruas e edifícios irreconhecíveis, obrigando Pasha a enfrentar os seus medos e as suas inseguranças mais profundas numa luta feroz pela vida.

Com uma arte narrativa descrita pela crítica como «jazz verbal», que transforma palavras em imagens poderosas, Serhij Zhadan descreve com rigor e inesperada poesia como a guerra transforma uma paisagem outrora familiar numa realidade apocalíptica.

«Porventura mais do que qualquer outro escritor da era pós-soviética, Serhij Zhadan aborda a experiência da convulsão nacional e pessoal.»

THE TIMES LITERARY SUPPLEMENT

«Internato é uma pequena obra-prima.»

LITERATUR SPIEGEL



Penguin
Random House
Grupo Editorial

 penguinlivros.pt
  penguinlivros

ISBN 9789896239077



9 789896 239077 >